

AS PESSOAS E A TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO NA GESTÃO DO CONHECIMENTO: O ENANCIB COMO “CONTEXTO CAPACITANTE”

Emeide Nóbrega Duarte
Danielle Harlene da Silva Moreno
Denysson Axel Ribeiro Mota
Helane Cibely Albuquerque da Silva
Josélia Maria Oliveira Silva
Tereza Evâny de Lima Renôr Ferreira

Universidade Federal da Paraíba (UFPB)
Brasil

RESUMO

Cada vez menos se considerada um modismo a Gestão do Conhecimento (GC), pois cada vez mais está presente nas organizações. Enquanto em algumas definições sobre GC as soluções tecnológicas são mais ressaltadas, por meio do conceito de armazenamento de conhecimentos, em outras o elemento humano é mais valorizado em função do compartilhamento de conhecimento. O objetivo desta pesquisa foi identificar características similares quanto às formas com que as organizações têm trabalhado a GC, apoiado nas pesquisas apresentadas no Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação (ENANCIB), considerado um “contexto capacitante”, enquadrando-as em duas possibilidades de gerenciamento: pessoas e tecnologia. A pesquisa caracteriza-se quanto ao delineamento metodológico como estudo exploratório e descritivo, de natureza de abordagem qualitativa e quantitativa, definindo-se como estudo do tipo bibliográfico e de campo, com a pretensão de analisar a produção científica da área sobre GC. Foram definidas como variáveis, a caracterização dos artigos publicados no ENANCIB no período 2008/2009, sobre a inserção da GC no GT-4, a evolução da GC nos GTs, o papel das pessoas na GC e o papel das ferramentas de TI na GC. Os resultados permitiram concluir que a GC vem se propagando de forma testemunhal, não só nos corredores das organizações como também no “contexto capacitante” promovido pelos gestores e pesquisadores que produzem o ENANCIB, adotando como característica central e definidora – o capital humano – e as suas interfaces com a TI e a Ciência da Informação (CI).

Palavras-Chave: Gestão do Conhecimento; Pessoas na Gestão do Conhecimento; Tecnologias da Informação na Gestão do Conhecimento.

INTRODUÇÃO

O conhecimento passou a representar um importante diferencial para as organizações que sabem adquiri-lo e mantê-lo de forma eficiente. A nova ordem econômica e social, centrada nas pessoas e na tecnologia da informação, preparou a base necessária para que a revolução baseada no conhecimento pudesse se efetivar. Essa abrange não apenas as novas tecnologias incorporadas nos processos produtivos, mas também novas formas de organizar e gerenciar a informação e o conhecimento, exigindo das organizações uma adaptação ao novo cenário.

Não há concordância sobre a definição de Gestão do Conhecimento (GC). Isso reflete os caminhos diversos que as organizações estão tomando: umas enfatizando o suporte tecnológico, outras o elemento humano. Enquanto em algumas definições as soluções tecnológicas são mais ressaltadas através do conceito de armazenamento e reaproveitamento de conhecimento, em outras o elemento humano é mais valorizado em função do compartilhamento e da geração de novas ideias. Embora a tecnologia represente um papel importante, porque viabiliza o armazenamento e a disseminação, não é exclusiva na GC.

Como explica Holtshouse (*apud* WAH, 2000), líder da iniciativa em gestão do conhecimento, o aspecto humano está sempre presente nela. A tecnologia da informação fornece a estrutura, porém não fornece o conteúdo. Nesse caso, se trata de um assunto relacionado com as pessoas. “Certamente a tecnologia da informação é um facilitador, mas por si só não consegue extrair as informações da cabeça de um indivíduo” (CHASE *apud* WAH, 2000).

Cada vez menos considerada um modismo, a gestão do conhecimento vem marcando presença nas organizações. Apesar de os conceitos ainda não estarem totalmente estruturados e os caminhos adotados serem diferentes de uma organização para outra, a característica comum é a de que as organizações estão atentando para a possibilidade de gerar e adquirir um recurso que pode trazer inovação e competitividade. A discordância de conceitos suscita certas dúvidas sobre o que realmente significam ‘organização do conhecimento’, ‘conhecimento organizacional’, ‘gerenciamento do conhecimento’, bem como a forma como as

organizações têm trabalhado a gestão do conhecimento. Essas evidências, na Ciência, são consideradas imprescindíveis para seu desenvolvimento natural, principalmente quando partem de distintas visões para o mesmo problema.

No Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI) da Universidade da Paraíba (UFPB), um dos módulos da disciplina Conhecimento Organizacional foi desenvolvido durante o período de agosto a novembro de 2009, adotando-se como recurso didático, a leitura, a discussão de artigos e o desenvolvimento de uma pesquisa. Os temas recomendados para leitura evidenciaram a temática 'gestão do conhecimento' como um elemento indispensável às pessoas e ao desenvolvimento organizacional mediante um processo de criação e compartilhamento do conhecimento.

Paralelamente às demais atividades acadêmicas mencionadas, desenvolveu-se uma pesquisa da produção científica, especificamente em artigos publicados nos Anais dos Encontros Nacionais de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação (ENANCIBs), com a intenção de identificar os enfoques da GC na literatura da área publicada no Grupo de Trabalho 4 (GT-4), denominado de *Gestão da Informação e do Conhecimento nas Organizações*, desse evento.

Como o X ENANCIB aconteceu no ano de 2009, na Cidade de João Pessoa, Estado da Paraíba, os docentes e discentes do PPGCI da UFPB, integrantes do Grupo de Pesquisa 'Informação, Aprendizagem e Conhecimento', puderam atuar diretamente no "contexto capacitante" do evento, convivendo durante os dias de realização, com os pesquisadores/autores, produtores do conhecimento na área, captando pessoalmente, as reflexões dos mesmos sobre a evolução da temática 'GC' no contexto do ENANCIB.

Para elaborar os fundamentos sobre a GC na produção científica do GT-4 do ENANCIB formulamos algumas questões pertinentes aos objetivos da pesquisa, que permitiram construir o referencial teórico, durante o ambiente em que o evento acontecia, num "contexto capacitante" denominado por Nonaka e Takeuchi (1997) de "Ba".

O "Ba" é um lugar onde os participantes compartilham os mesmos contextos e criam significados novos através de interações. Os participantes do "Ba" trazem

seus próprios contextos, e através das interações com os outros participantes, os ambientes mudam (NONAKA; TOYAMA, 2003). O “Ba” (contexto capacitante) é entendido como um lugar de criação de conhecimento. O conhecimento precisa de um contexto físico para ser criado em ação situada. Assim, “Ba” é um mecanismo criado de forma contínua como um gerador que cria mecanismos que explicam as potencialidades e as tendências que estimulam atividades criativas (BARBOSA, 2009).

Neste documento, o conceito de “contexto capacitante” é ampliado para cobrir a interação interdependente entre os autores que produziram o conhecimento científico sobre GC, cujas informações se encontram registradas nos Anais do IX ENANCIB, e a interação presencial entre os autores que apresentaram trabalhos no X ENANCIB, configurando-se como ambiente de compartilhamento de conhecimentos tácitos.

Buscamos ainda no contexto do evento, captar de forma registrada e autorizada, os entendimentos dos autores/apresentadores das comunicações de pesquisas, sobre as pessoas e a tecnologia no âmbito da GC, inicialmente com a intenção de elaborar uma revisão de literatura.

O objetivo deste artigo é identificar características similares nas formas como as organizações têm trabalhado a gestão do conhecimento, em conformidade com os relatos de pesquisa veiculados nos Anais do ENANCIB enquadrando-as em duas possibilidades de gerenciamento – pessoas e tecnologia.

2 CONSIDERAÇÕES SOBRE GESTÃO DO CONHECIMENTO

O conhecimento tem sido objeto de reflexão e de estudo em várias áreas do saber desde a Antiguidade, e elemento-chave nas grandes transformações enfrentadas pela humanidade. Na Sociedade Agrícola, a memória social era armazenada nos cérebros humanos. O conhecimento e a cultura eram acumulados pelos mais velhos e transmitidos para gerações mais jovens, por meio de histórias, lendas, cantigas, discursos e outros. Assim, a memória social era limitada diante da capacidade de acumulação mental da população (TOFFLER, 1997).

Na Sociedade Industrial, a memória social se expande e transcende os limites mentais dos indivíduos com o surgimento de novas formas de armazenamento. A máquina de imprensa escrita faz proliferar a divulgação do conhecimento e da memória por meio de livros, jornais, fotografia, filmes e outros. Na Sociedade da Informação e do Conhecimento, momento atual, a memória social passa por nova mudança quantitativa e qualitativa. Com os avanços na tecnologia da informação e das comunicações e a sua utilização para o processamento, o armazenamento e a difusão de dados e informações, os limites da memória social foram expandidos e tornaram-se mais dinâmicos (TOFFLER, 1997).

Nonaka e Takeuchi (1997) definem o conhecimento como um processo dinâmico utilizado para justificar a crença pessoal em relação à verdade, produzido (ou sustentado) pela informação. Angeloni (2003) concorda com esse pensamento, quando define que o conhecimento não é apenas um agrupamento de informações, mas um agrupamento articulado por meio da legitimação empírica, cognitiva e emocional. Porém, primeiro é necessário trazer à tona o conhecimento, como recurso, para que possa ser gerenciado.

Probst et al. (2002, p.24) definem o conhecimento como um

Conjunto de cognições e habilidades com os quais os indivíduos solucionam problemas. Compreende tanto a teoria como a prática, as regras cotidianas tanto quanto as instruções para a ação. O conhecimento se baseia em dados e informação, mas, diferente destes, sempre está ligado às pessoas. Forma parte integral dos indivíduos e representa as crenças destes acerca das relações causais.

Para Sveiby (2001) o conhecimento tem sido interpretado tanto como um objeto quanto como um processo. Quando interpretado como objeto, entendido como sinônimo de informação cabe investir nele, ou seja, em tecnologia da informação e afins. O autor afirma que essa é a maneira mais rápida de perder dinheiro, já que o investimento está sendo feito de maneira equivocada. Porém, quando interpretado como um processo, está se admitindo que ele resida nas pessoas, e é nelas que deve ser feito o investimento.

Davenport e Prusak (1998) apontam algumas iniciativas que podem ser relacionadas com as possibilidades de gerenciamento do conhecimento propostas

neste artigo – por meio da tecnologia (ressaltando as formas de armazenamento, compartilhamento e utilização do conhecimento) e da valorização dos colaboradores/pessoas (fomentando a geração de novos conhecimentos bem como seu compartilhamento) e pela contabilidade (pela tentativa de mensuração do conhecimento).

Assim, na visão de Sveiby (2001), a meta e a obrigação das empresas em relação à gestão do conhecimento, é nutrir, alavancar e motivar as pessoas a compartilharem a sua capacidade de agir. Dessa forma, a gestão do conhecimento se transforma em uma tarefa da organização inteira, o que o autor chama de estratégia baseada no conhecimento.

Nesse sentido, Nonaka e Takeuchi (1997) desenvolveram a teoria da criação do conhecimento, baseando-se na classificação do conhecimento humano como explícito e tácito, a qual é definida por Michael Polanyi (1966). O conhecimento explícito é aquele que pode ser expresso em linguagem formal e, assim, ser transmitido de maneira mais fácil entre as pessoas. Esse conhecimento pode ser armazenado de várias formas: em relatórios, manuais, documentos, audiovisuais, CD-ROMs, entre outros. O conhecimento tácito é mais difícil de ser formatado e expresso em linguagem formal sendo, portanto, de difícil transmissão. Corresponde ao conhecimento pessoal, à experiência individual e envolve elementos subjetivos, tais como crenças, valores e intuições.

De acordo com Choo (2003) as principais atividades de uma organização do conhecimento são os processos de criação de significado, a construção do conhecimento e a tomada de decisões. “Começa com uma análise de como se processa a criação de significado, isolando experiências e interpretando situações, orienta a dinâmica do conhecimento e da adaptação da organização” (CHOO, 2003, p.351).

Cross e seus colaboradores identificaram quatro fatores que promovem o compartilhamento do conhecimento em redes sociais, quais sejam: o conhecimento sobre o que a outra pessoa sabe; a capacidade de obter rápido acesso à outra pessoa; o interesse e o engajamento do interlocutor na solução do problema do solicitante; e a segurança percebida por quem solicita o conhecimento. Nessa

situação de relacionamento seguro, as pessoas tendem a promover de maneira mais efetiva, a aprendizagem (BARBOSA; SEPÚLVEDA; COSTA, 2009). Aprendizagem essa, em redes sociais, que poderá acontecer com o uso, ou não, de tecnologias.

3 AS PESSOAS E AS FERRAMENTAS DE TI NA GC

A fundamentação teórica que segue foi elaborada com base nos construtos teóricos apresentados pelos autores que embasaram os textos produzidos e apresentados nos Anais dos IX e X ENANCIBs, que se constituíram nas unidades analisadas.

Considerando-se que a temática central da GC demonstra ser o aproveitamento dos recursos intelectuais existentes nas organizações para que as pessoas procurem, encontrem e empreguem as melhores práticas, e não a reinvenção do que já existe, entende-se que os processos componentes da GC podem e devem ser aplicados no ambiente de qualquer tipo de organização (DUARTE et al., 2009).

Segundo Ziviani et al. (2008) no gerenciamento do conhecimento e da informação há alguns processos que merecem atenção especial. Um deles é o compartilhamento essencialmente nos momentos das crises no ambiente organizacional para permitir a difusão do conhecimento na equipe, provocando a atração de talentos de onde quer que estejam para o epicentro do problema.

O capital humano, representado pelo conhecimento tácito que os colaboradores detêm constitui a principal vantagem competitiva das empresas, pois este é difícil de ser copiado por residir nas pessoas. Por outro lado, o conhecimento detido pela organização é também resultado dos relacionamentos que ela manteve ao longo do tempo com seus clientes, fornecedores e parceiros. Defende-se fortemente a transferência do conhecimento, através de reuniões face a face e de narrativas, além das formas mais estruturadas.

Os sinais que convencem as pessoas de que elas efetivamente podem se comunicar são mais bem transmitidos pessoalmente. Grande parte do trabalho das

empresas é feito porque as pessoas estão continuamente perguntando umas às outras, através de redes informais, quem sabe como fazer o trabalho. As redes informais são dinâmicas e veiculam informações atualizadas (DAVENPORT; PRUSAK, 1998 *apud* ZIVIANI et al., 2008).

A rede é, precisamente, o contexto em que os indivíduos interagem e acumulam seus conhecimentos, conformando um processo dinâmico de compartilhamento (ISSBERNER, 2008). Sabe-se que, para que o conhecimento possa ser compartilhado entre humanos, é preciso fazer uso de palavras e símbolos e outros elementos característicos da linguagem, e isso vale tanto no caso do conhecimento mais simples quanto do conhecimento mais elaborado como aquele ostentado por especialistas de uma determinada área científica (OYOLA; ALVARENGA, 2009).

Cunha, Ribeiro e Pereira (2009) consideram as redes de aprendizagem como uma condição necessária para uma gestão colaborativa, democrática e de cunho social. Tal condição requer uma configuração que potencialize o intercâmbio de dados e informações articulando os processos cognitivos, sejam os individuais ou organizacionais, por meio de tecnologias de redes e de informação. As redes sociais virtuais funcionam através da interação social, buscando conectar pessoas e proporcionar sua comunicação e, portanto, podem ser utilizadas para forjar laços sociais.

Woida e Valentim (2008) entendem que as tecnologias de informação e comunicação se constituem em uma ferramenta que permite e facilita a atuação e o cumprimento de parte das tarefas exercidas pelas pessoas no ambiente organizacional, atuando em diferentes segmentos e ambientes das organizações, tendo como princípio melhorar o acesso e o uso da informação e do conhecimento.

As autoras destacam, ainda, que apesar do avanço das tecnologias de informação e comunicação e da expressiva redução de suas limitações, elas ainda dependem diretamente da ação das pessoas, visto que somente os indivíduos realizam os processos criativos de conhecimento. Isso significa que os processos cognitivos são inerentes às pessoas. Enquanto as tecnologias de informação e

comunicação são insuperáveis em quesitos quantitativos, as pessoas ocupam o posto principal como criadoras de conhecimento.

Silva e Gomes (2008) propõem algumas ações para diminuir as barreiras para o processo de transferência de conhecimentos nas organizações, tais como: desenvolvimento de sistema de informação automatizado para gerenciar os fluxos de informações internas e externas demandadas pelas empresas, para melhorar a comunicação entre elas, por exemplo, uma intranet ou portal corporativo; o desenvolvimento de um banco de dados; além de disponibilização dos serviços e produtos gerados pelos pesquisadores/colaboradores e suas respectivas áreas de atuação.

Na perspectiva social da gestão do conhecimento, Szabó e Silva (2009) buscaram refletir e testemunhar o uso do ciberespaço por alguns movimentos sociais em prol da articulação de ideias e ações para a construção de uma sociedade mais justa, consciente e equilibrada. Embora o uso da internet para esse propósito ainda seja emergente, acreditamos que aí reside o potencial de contribuição do ciberespaço e da inteligência coletiva para a Sociedade do Conhecimento.

Fortalecendo o que os autores vêm disseminando em relação às iniciativas de promoção da socialização do conhecimento, Wersig (1993) entende que o indivíduo ou grupo, no estado de necessidade e de provisão de conhecimentos externos, tem de ser considerado como um sistema de ações, no qual as atividades de informação devem ser incorporadas em um contexto bem amplo cujo envolvimento entre os participantes se caracterize pelo forte senso de cidadania.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para a continuidade ao desenvolvimento da pesquisa foram definidos os procedimentos metodológicos que possibilitaram a sua realização

3.1 Caracterização dos Documentos Analisados

O ENANCIB é considerado o maior evento científico da área, pois reúne pesquisadores renomados, e discentes dos programas de pós-graduação em Ciência da Informação de diversas instituições do país. O ENANCIB é um evento científico organizado pela Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação (ANCIB), produz os Anais do evento, considerado literatura cinzenta, ou seja, tudo o que é produzido em âmbito acadêmico com a participação de discentes e docentes, bem como de pesquisadores.

A ANCIB é uma associação sem fins lucrativos, em atividade desde junho de 1989, criada a partir da iniciativa de alguns Cursos e Programas de Pós-Graduação da área da Ciência da Informação (CI), tendo como associados os Programas de Pós-Graduação em Ciência da Informação brasileiros, bem como sócios individuais (professores, pesquisadores, estudantes de pós-graduação e profissionais egressos dos programas).

A literatura cinzenta é definida por Santos e Ribeiro (2003), como um tipo de literatura que não é adquirida através dos canais formais (livrarias). Esses documentos possivelmente não serão publicados de modo formal, embora contenham informações de interesse para um número razoável de pessoas. Población (1992), abordando sobre a temática da literatura cinzenta, afirma que estes documentos são fugitivos transparentes (que não se vêem nos catálogos de editores, livrarias, bibliotecas etc.) de difícil localização e, que na maioria das vezes, contêm dados relevantes.

Nesse contexto de entendimento, as comunicações em anais de evento oriundas de associações patrocinadoras e geradoras de produção científica se encaixam nos conceitos apresentados. Desse modo, no Brasil, o ENANCIB por ser considerado o maior evento científico da área da Ciência da Informação, que reúne pesquisadores renomados, e discentes dos programas de pós-graduação em CI, de diversas instituições do país.

Os nove Grupos de Trabalho que compõem o ENANCIB constituem-se numa instância de discussão e de formação de redes e compartilhamento de experiências e de conhecimentos, disseminados pela comunicação científica. “O Grupo de Trabalho é um meio de promover a alteração do quadro de isolamento

entre os pesquisadores brasileiros, permitindo interlocução, oportunidade de debate e de estímulo à reflexão” (MARTELETO; LARA, 2008, p.10).

3.2 Caracterização da Pesquisa

A pesquisa caracteriza-se quanto ao delineamento como estudo exploratório e descritivo, e quanto à natureza como pesquisa de abordagem qualitativa e quantitativa. Objetivou descrever as categorias que identificaram os enfoques teóricos da GC, definindo-se como estudo do tipo bibliográfico de caráter documental e de campo, com a pretensão de analisar a produção científica.

A produção científica gerada por um pesquisador de qualquer área, precisa ter um compromisso social, ser conhecida e útil para a comunidade acadêmica e a sociedade em geral. Lourenço (1997 *apud* PAIVA; DUARTE, 2004, p.42) considera a produção científica como:

[...] toda produção documental sobre um determinado assunto de interesse de uma comunidade científica específica, que contribui para o desenvolvimento da ciência e para abertura de novos horizontes de pesquisa, não importando o suporte em que está veiculada.

Portanto, a partir daí, pode-se perceber que a pesquisa é um processo interminável, algo processual, considerando-se que na realidade sempre vai existir o que descobrir. O importante é que os resultados das pesquisas sejam divulgados para que se mantenha o progresso da Ciência com a geração de novos conhecimentos.

3.3 Definição do Corpus de Análise

A pesquisa envolve os “contextos capacitantes” no entorno do ENANCIB. Para a definição das unidades de análise, adotamos como critérios de seleção os artigos mais recentes publicados durante o período de 2008/2009, e que versam sobre o tema GC, caracterizando a amostra como intencional. Para a seleção dos artigos da coleção, foram lidos os títulos, as palavras-chave e os resumos para identificar descritores pertinentes.

Para a coleta de campo, no “contexto capacitante” onde se realizava o ENANCIB no ano de 2009, aplicamos um questionário contendo perguntas abertas, no qual solicitamos aos informantes, os pesquisadores que apresentavam seus relatos, que se identificassem com suas assinaturas, motivados pela pretensão de levantar um referencial teórico no ambiente de exposição e discussão dos relatos de pesquisa. Considerando a característica sucinta das respostas dadas às questões focalizadas, resolvemos analisá-las inserindo-as no contexto dos resultados, passando a elaborar a fundamentação teórica em conformidade com os autores que produziram os textos sobre GC nos Anais do período de 2008/09.

3.4 Instrumento de Coleta de Dados

Os dados coletados em formulário previamente elaborado, contemplando as categorias definidas durante a fase de planejamento da pesquisa, foram organizados e analisados privilegiando-se a metodologia quali/quantitativa, que, como exercício de pesquisa, permite ao pesquisador propor novos enfoques a serem pesquisados. Esta busca está intimamente relacionada a um esforço constante de se interpretar a realidade humana e se chegar mais perto dela. Para uma parte dos dados, foram adotados cálculos estatísticos simples.

Para oportunizar dados em tempo real, foi aplicado um questionário com os participantes do GT-4 do ENANCIB, e que apresentaram trabalhos durante o evento de 2009, realizado na Cidade de João Pessoa, Estado da Paraíba. No momento foram abordadas questões referentes à inserção e à evolução da GC no GT-4, quanto ao papel das pessoas na GC e quanto ao papel das ferramentas de TI na GC.

4 RESULTADOS

Para coletar os dados, foi necessária a participação de todos os membros envolvidos na pesquisa no X ENANCIB. Fizemos uma abordagem *in loco*, ou seja, na sala de apresentação dos trabalhos do GT-4, em que aplicamos um questionário

aos apresentadores dos trabalhos com algumas questões pertinentes aos objetivos da pesquisa, que permitiram obter as informações necessárias em um “contexto capacitante”, denominado por Nonaka e Takeuchi (2007) de “Ba”.

Os resultados aqui apresentados se referem à caracterização dos artigos produzidos nos Anais do ENANCIB 2008/2009 e aos resultados referentes às informações prestadas pelos pesquisadores ao questionário aplicado durante a realização do ENANCIB 2009.

4.1 Resultados Referentes à Caracterização dos Trabalhos Publicados nos GTs sobre GC, em 2008 e 2009.

Para a coleta de dados, foi elaborada uma planilha (Quadros 1 e 2), cujo conteúdo abrangeu informações tais como: autoria e título dos artigos, instituição de origem dos autores, foco das abordagens e o grupo de trabalho que se insere no ENANCIB, como mostram os quadros a seguir:

a) Resultados referentes ao ano de 2008:

AUTOR	TÍTULO	ORIGEM	FOCO DA ABORDAGEM	GT
V. Brusamolin	Narrativas de histórias na aprendizagem organizacional	UNB	Aprendizagem organizacional	4
E. N. Duarte, A. K. A. da Silva, A. C. Machado, D. H. da S. Moreno, I. G. S. C. de Oliveira	Aprendizagem informacional por meio do compartilhamento de conhecimentos entre docentes	UFPB	Aprendizagem informacional. Compartilhamento de conhecimentos: docentes. Competências do bibliotecário.	4
L. M. Woida, M. L. P. Valentim	Cultura informacional voltada ao processo de inteligência competitiva organizacional no setor de calçados de São Paulo	UNESP/ Marília	Cultura Informacional. Inteligência Competitiva Organizacional. Setor de Calçados de São Paulo. Informação Empresarial. TICs.	4
F. Ziviani, J. L. R. de Oliveira, M. A. T. Ferreira, S. Cristina	Estratégias formais e informais de compartilhamento de Informação e conhecimento na produção de pesquisas científicas	UFMG	Compartilhamento da Informação e do Conhecimento. Pesquisas Científicas.	4
I. M. A. Loureiro, S.	O papel do ambiente informacional na geração do	INMETRO/ IBICT	Informação tecnológica. Regras técnicas. Ambiente	5

Albagli	conhecimento e inovação		informacional. Ambiente de inovação. Avaliação da conformidade.	
C. V. da Silva, S. H. de A. Gomes	Processo de transferência de conhecimento na interação universidade-empresa: o programa de incubação do CDT/UnB	UNB/ UFG	Mecanismos de interação universidade-empresa. Argumento Tríplice-Hélice. Transferência de Conhecimento. Incubadora de empresas – CDT/UnB.	7
L. S. Bufrem, J. S. de P. Pinto	Modelizando práticas para a socialização de saberes	UFPR	Bases de dados. Compartilhamento da informação. Arquitetura da informação.	2
M. I. Tomaél	Oportunidades para o compartilhamento da Informação no ambiente de P&D	UEL	Oportunidades para Compartilhar Informação. Compartilhamento da Informação. Pesquisa e Desenvolvimento (P&D)	5
L. R. Issberner	Informação e conhecimento para o desenvolvimento sustentado em pequenas comunidades: a certificação de produtos para mercados alternativos	IBICT	Informação e conhecimento. Desenvolvimento sustentável. Redes de informação territorial. Aprendizado e capacitação.	5
C. R. S. Barbalho, H. B. F. Rozados	Competências do profissional bibliotecário brasileiro: o olhar do Sistema CFB/CRBs	UFAM/ UFRGS	Competência profissional. Bibliotecário. Projeto Censo do Bibliotecário. Cadastro bibliotecário. Sistema CFB CRBs.	6
TOTAL: 10 (DEZ) TRABALHOS SELECIONADOS E APRESENTADOS. GT-2: 1 / GT-4: 4 / GT-5: 3 / GT-6: 1 / e GT-7: 1				

Quadro 1: Caracterização dos Trabalhos sobre GC Publicados em 2008.
Fonte: Anais ENANCIB – 2008.

b) Resultados referentes ao ano de 2009:

AUTOR	TÍTULO	ORIGEM	FOCO DE ABORDAGEM	GT
A. V. Oyola, L. Alvarenga	Mapeamento e representação do conhecimento e modelagem ontológica: uma experiência na área da cultura do sorgo	UFMG	Ontologia. Construção de Ontologias. Aquisição de Conhecimento. Pesquisa Agropecuária.	2
R. A. S. Ramalho	Representação do conhecimento e ontologias: Reflexões interdisciplinares	UFSCAR/ UNESP	Ontologias. Representação do Conhecimento. Organização do Conhecimento. Sistemas de Representação. Web Semântica.	2
I. Szabó, R. R. G. da Silva	Comunidades virtuais de conhecimento: informação e inteligência coletiva no	UFBA	Comunidades virtuais, Comunidades virtuais do conhecimento,	3

	ciberespaço		Ciberespaço, Inteligência coletiva	
V. Brusamolin, J. A. Vieira	Discurso organizacional: uma proposta de processo de gestão informacional para discursos	UNB	Análise Crítica do Discurso. Análise do Discurso. Gestão da Informação. Memória Organizacional. Gestão do Conhecimento.	4
E. C. Alves, E. N. Duarte, A. K. A. da Silva, A. C. Machado	Conhecimentos dos docentes do departamento de administração compatíveis com os conteúdos da gestão de unidades de informação: um mapeamento para formação de redes de colaboração	UFPB	Conhecimento. Competências. Rede social de Cooperação.	4
H. P. de Moura, D. A. R. Mota, E. B. Pacheco	Processo de adoção de um modelo de gestão do conhecimento em uma empresa de tecnologia	UFPE/ UFPB	Gestão do Conhecimento. Modelo de Adoção. Processo de Implantação.	4
F. J. A. P. Cunha, N. M. Ribeiro, H. B. de B. Pereira	Processos de aprendizagem e redes sociais: um estudo na rede InovarH-ba	UFBA/ IFBA/ Univ. Est. Feira de Santana	Processos de Aprendizagem. Redes Sociais. InovarH-Ba.	4
S. Albagli, M. L. Maciel	Novas condições de circulação e apropriação da informação e do conhecimento: questões no debate contemporâneo	IBICT/ UFRJ	Produção e Circulação de Informação. Apropriação Social. Propriedade Intelectual. Regime de Informação.	5
TOTAL: 08 (OITO) TRABALHOS SELECIONADOS E APRESENTADOS GT-2: 2 / GT-3: 1 / GT-4: 4 / e GT-5: 1				

Quadro 1: Caracterização dos Artigos sobre GC Publicados em 2009.

Fonte: Anais ENANCIB – 2009.

A partir dos dados expostos nos Quadros 1 e 2, percebemos que quantitativamente houve uma redução de artigos sobre a temática de um ano para o outro. No entanto, entre os que foram selecionados, dois deles referentes ao ano de 2008, são especificamente de abordagens inerentes à gestão do conhecimento, como: aprendizagem organizacional, inteligência competitiva, saberes, compartilhamento da informação e competências. Entre os artigos do ano de 2009, está incluído um deles que versa sobre aprendizagem e redes sociais. Esses artigos, que apesar de não conterem palavras-chave sobre gestão do conhecimento, estão relacionados à GC, por esse motivo foram considerados como tal.

Quanto às autorias, quase todos os textos são de vários autores e oriundas de instituições de várias regiões do país. Houve uma incidência de artigos sobre GC

em vários grupos de trabalho do ENANCIB, como por exemplo: GT-2, GT-3, GT-4, GT-5, GT-6 e GT-7, em uma demonstração de que as abordagens são múltiplas e integradas à informação, portanto, não se concentram no GT-4, denominado de Grupo de Trabalho “Gestão da Informação e do Conhecimento nas Organizações”, como demonstrado na Tabela 1.

4.2 Síntese Quantitativa da Incidência de Trabalhos sobre GC nos GTs

Para maior visualização e compreensão dos resultados apresentamos uma síntese das incidências dos artigos nos ENANCIBs de 2008 e 2009.

Tabela 1- Distribuição dos Artigos sobre GC nos Grupos de Trabalho do ENANCIB

Grupos de Trabalho	GC no ENANCIB 2008	GC no ENANCIB 2009	Total	%
GT-1	-	-	-	-
GT-2	1	2	3	16.6
GT-3	-	1	1	5.6
GT-4	4	4	8	44.4
GT-5	3	1	4	22.2
GT-6	1	-	1	5.6
GT-7	1	-	1	5.6
GT-8	-	-	-	-
GT-9	-	-	-	-
Total	10	8	18	100.0

Fonte: Anais dos ENANCIBs – 2008 e 2009.

De forma compreensível e lógica esperava-se que os trabalhos sobre GC se concentrassem no GT-4. De forma surpreendente, constatamos que os mesmos se diluem entre os vários GTs. No GT-4, o foco é dado à ‘Gestão da Informação e do Conhecimento nas Organizações’, cujos trabalhos incidiram em 44,4%. No GT-5 ‘Política e Economia da Informação’, um significativo percentual (22,2%) se enquadrou, e 16,6% no GT-2, correspondentes à ‘Organização e Representação do Conhecimento’. Nos GTs 3, 6 e 7, foram registrados trabalhos com os mesmos percentuais de 5,6%.

O GT-2 contempla em sua ementa os estudos relacionados aos processos, produtos e aos instrumentos de representação do conhecimento. A ementa do GT-5

inclui processos de geração, difusão/compartilhamento e uso da informação e do conhecimento, assim como propriedade intelectual e acesso à informação e ao conhecimento e informação, conhecimento e inovação. Além dos enfoques destacados, nas ementas dos GTs 3, 4 e 7 incluem-se trabalhos que abordam sobre redes com perspectivas distintas, o que pode provocar dúvidas no pesquisador menos atento, no momento de submissão dos trabalhos. Enfim, por esses motivos apontados, evidencia-se que as abordagens sobre o conhecimento estão contempladas em vários GTs e requerem uma análise mais específica para o caso.

4.3 Sobre a Inserção da GC no GT-4

A formação dos Grupos de Trabalho na ANCIB vem se modificando naturalmente, ao longo dos anos para acompanhar as transformações da Ciência da Informação. O GT-4, anteriormente denominado de “Gestão de Unidades de Informação” (OLIVEIRA, 2009), no ano de 2008, passou a denominar-se “Gestão da Informação e do Conhecimento nas Organizações”. Essa mudança se deu em função da evolução dos estudos sobre GI e GC nas organizações.

Considerando essa transformação, foi que resolvemos ouvir os pesquisadores sobre a aceitação da inserção da GC no GT-4. Suas respostas, cuja originalidade das autorias preservamos nos enunciados, razão por que solicitamos a devida autorização por escrito, apresentam-se de forma fiel e integral no Quadro 3.

Autores e suas Respectivas Visões sobre a Inserção da GC no GT-4
“Vejo de forma muito competente, pela qualidade e exposição dos trabalhos. Em um primeiro momento os trabalhos estão direcionados a aspectos da teoria da Ciência da Informação e no segundo momento são apresentados trabalhos direcionados para o cenário empresarial e no terceiro momento para o âmbito acadêmico” (J. Echeverria Barrancos, 2009)
“Totalmente relacionada e de grande valia para os pesquisadores interessados nessa temática” (S. A. Amaral, 2009)
“Acho extremamente positivo para que se defina as diferenças e interferências e relações entre a GI e a GC” (M. R. Delaia, 2009)
“A inserção da gestão do conhecimento é essencial para o GT-4 devido aos seguintes aspectos: a) no ambiente organizacional, nem sempre o conhecimento é registrado, ou seja, existe na organização, conhecimento que não se converteu em informação e; b) para o ambiente organizacional, a informação oral é mais importante que a escrita ou registrada” (V. Brusamolín, 2009)

“A inserção da gestão do conhecimento na produção científica do GT-4 trouxe maior produção e fortaleceu e ampliou o grupo (W. S. Lemos, 2009)
“Creio que a Ciência da Informação deve avaliar de modo crítico esta inserção, que traz problemas concretos que estão sendo abordados no novo inadequado” (C. R. Montenegro, 2009)
“Tem sido crescente ao longo dos últimos trabalhos” (F. C. M. Pereira, 2009)
“Certamente é importante, mas como sou do GT-2 e só estou aqui para apresentar um trabalho co-autoral, não me sinto informada sobre o histórico evolutivo do GT-4 dentro dos ENANCIBs mencionados” (M. P. Manini, 2009)
“Creio que o tema está aos poucos sendo contemplado nos trabalhos do GT. Digo aos poucos por entender que isso está ocorrendo de forma bastante tímida devido principalmente à falta de definição do que é GC (R. Garcia, 2009)

Quadro 3 - Respostas dos Pesquisadores sobre a Inserção da GC no GT-4.

Fonte: ENANCIBs – 2008 e 2009.

Entre os 14 pesquisadores/apresentadores de trabalho no GT-4 durante o X ENANCIB, nove responderam a questão, e os demais justificaram o desconhecimento devido à falta de acompanhamento do GT-4.

Ao analisar as respostas contidas no Quadro 3, identificamos a aceitação da GC no GT-4 como construto da teoria da Ciência da Informação. Seu contexto apresenta acentuada relevância para o cenário empresarial e acadêmico como colaboradora no que tange ao esclarecimento das abordagens relativas à GI e à GC. No âmbito organizacional percebe-se que é dada mais ênfase à informação oral do que à registrada, ainda que exista conhecimento que ainda não foi convertido em informação (BRUSAMOLIN, 2009). Esse é um fator que deve ser assimilado pelos gestores como uma advertência e indicação para o seu desempenho.

Entre as várias percepções da inserção da GC, destaca-se a de Delaia (2009), quando a autora afirma que essa contribuição é um definidor das diferenças, interferências e relações sobre a GI e GC. Diante de conflitos conceituais sobre a GI e GC, o GT-4 tem contribuído com a inserção da GC, possibilitando discussões, esclarecimentos, debates e conceitos dos dois tipos de gestão, contribuindo assim, com o crescimento da Ciência da Informação na perspectiva da gestão. É exatamente o que Lemos (2009) afirma que esta inserção vem corroborar, fortalecer e ampliar o grupo de forma crescente, o qual é composto por estudiosos da Ciência da Informação e demais ciências interdisciplinares.

O entendimento de Garcia (2009) aponta a indefinição por parte do GT em conceituar o que é GC, o que impossibilita a contribuição de demais trabalhos que abordam o tema especificamente no GT-4.

O X ENANCIB favoreceu o “Ba”, ou seja, o ambiente adequado para reunião de pessoas que compartilham pensamentos distintos, colocando em prática a gestão do conhecimento junto aos membros da academia. Dessa forma, podemos vivenciar um momento salutar para a gestão do conhecimento e a Ciência da Informação, suplantado pelas contribuições teóricas apresentadas pelos participantes do X ENANCIB, no sentido de perceber os impactos da inserção da GC no GT-4.

Quanto à questão da falta de definição da GC, a literatura da área registra essa limitação e atribui a divergências de entendimento da expressão ‘gestão do conhecimento’, considerando as suas múltiplas facetas e visões multidisciplinares.

Nada mais salutar para a gestão do conhecimento e para a Ciência da Informação, no entorno da ANCIB, do que essas contribuições teóricas apresentadas pelos participantes do ENANCIB no sentido de facilitar a percepção dos impactos da inserção da GC no GT-4.

4.4 Sobre a Evolução da GC nos GTs

Autores e suas Respectivas Visões sobre a Evolução da GC no GT-4
“Noto que estão diminuindo quantitativamente os trabalhos/pesquisas desta temática. Noto também, que a temática está sendo inserida em outros grupos de trabalho” (S. A. do Amaral, 2009)
“A Evolução da GC na produção científica tem se mostrado presente e constante através da diversidade de trabalhos, direcionados a pequenas, médias e grandes empresas” (W. S. Lemos, 2009)
“A evolução é parcial no meu entendimento, deve avançar as iniciativas de GC (como fazer na prática), e mais artigos sobre redes internas organizacionais” (F. C. M. Pereira, 2009)
“Os problemas práticos permanecem, mas os conceitos desta “Gestão do Conhecimento” não respondem [...] de modo satisfatório e acabam aparecendo como algo repetitivo” (C. R. M. de Lima, 2009)

Quadro 3 - Respostas dos Pesquisadores sobre a Evolução da GC no GT-4.

Fonte: ENANCIBs – 2008 e 2009.

Entre os 14 pesquisadores/apresentadores de trabalho no GT-4 durante o X ENANCIB, quatro responderam a questão e os demais deixaram em branco.

Os pesquisadores respondentes se dividiram entre as abordagens referentes à incidência de trabalhos sobre GC e sobre as questões de ordem prática. Percebeu-se que os trabalhos estão se diluindo entre os GTs (AMARAL, 2009), que as abordagens estão direcionadas às pequenas, médias e grandes empresas (LEMOS, 2009) e Pereira (2009) sugerem que se intensifique a abordagem das redes interorganizacionais. Entre as observações de ordem prática, a GC deve avançar as iniciativas de “como fazer”, pois foi destacada a permanência de problemas nessa ordem (LIMA, 2009).

Essas observações são consideradas contribuições para a consolidação da GC no sentido de intensificar as aplicações nos ambientes dos vários tipos e naturezas organizacionais, e se buscar concentrar as pesquisas que abordem GC no GT-4 do ENANCIB para que as discussões por ocasião do evento sejam mais produtivas e enriquecedoras.

4.5 Papel das Pessoas na GC

Os autores que foram contatados durante as apresentações dos trabalhos no GT-4, para fundamentar a abordagem do papel das pessoas na GC, referiram-se aos indivíduos como criadores de demandas nas organizações e à comunicação, como um modo de compartilhamento de informações e conhecimentos (MANINI, 2009). Em relação especificamente às pessoas, manifestaram a crença de que elas são as responsáveis pela produção do saber vivo (LIMA, 2009) e são vistas como atores (GARCIA, 2009), como fontes de informação e conhecimento (DELAIA, 2009; BRUSAMOLIN, 2009; DUARTE, 2009) conforme as afirmações literais apresentadas no Quadro 4.

“Entendo a gestão do conhecimento de forma metafórica, na verdade as pessoas têm o papel de contribuir para o estabelecimento de um ambiente adequado à criação e o compartilhamento do conhecimento” (A. J. F. P. Sousa, 2009)

Pessoas: “São os atores principais desse processo, embora o tema ainda careça de definição mais concreta, ele só faz sentido se atrelado à ação do indivíduo e na consecução de seus objetivos” (R. Garcia, 2009)

“As práticas de gestão do conhecimento nas organizações estão ainda no nível tácito e, portanto, são totalmente “penalizadas”, isto quer dizer que o foco nas pessoas é fundamental

para entendê-las (M. das G. de P. Tavares, 2009)
“As pessoas são o centro de toda prática de GC, pois são elas que compartilharão (ou não) seu conhecimento, executando [...] os processos de GC” (D. A. R. Mota, 2009)
“Creio que os indivíduos são os principais criadores de demandas relativas aos problemas e necessidades nas organizações. E são também desenvolvedores de diagnósticos” (M. P. Manini, 2009)
“O saber vivo nas organizações está sendo produzido todo tempo. A comunicação entre as pessoas parece ser o maior modo de compartilhar e produzir melhoria e inovação” (C. R. M. de Lima, 2009)
“Acredito que as pessoas são a principal fonte de informação para a GC, portanto, deve-se estimular o compartilhamento das informações nos ambientes organizacionais” (M. R. Delaia, 2009).
Pessoas: “Fontes de conhecimento” (V. Brusamolin, 2009)
“As pessoas são os principais atores da GC porque são os responsáveis pela socialização do conhecimento” (W. S. Lemos, 2009)
Pessoas: “Importantíssimas, uma vez que são elementos intrínsecos dos estudos desta temática (S. A. do Amaral, 2009)
“As pessoas têm papel fundamental na GC, pois são elas as principais responsáveis pela contribuição para a disseminação e compartilhamento de informações e conhecimento entre todas as áreas de uma organização” (L. O. B. Duarte, 2009)
“Acredito que o papel das pessoas é gerar riqueza, fazendo uso do capital intelectual e propiciando em todo momento uma cadeia produtiva de conhecimento (aprendizado constante)” (J. Echeverria Barrancos, 2009)

Quadro 4 - Respostas dos Pesquisadores sobre o Papel das Pessoas na GC.

Fonte: ENANCIBs – 2008 e 2009.

As pessoas foram vistas como as responsáveis pela criação, disseminação, socialização e compartilhamento do conhecimento (SOUSA, 2009) e como o centro de toda prática de GC, pois são consideradas a principal fonte de informação para a GC (DELAIA, 2009), como elementos intrínsecos aos estudos dessa temática. Portanto, têm papel fundamental na GC como geradoras de riqueza (ECHEVERRIA BARRANCOS, 2009), e fazem parte do capital intelectual das organizações, confirmando com o que Probst et al. (2001, p.24) afirmam sobre o conhecimento – que ele “[...] se baseia em dados e informação, mas, diferente destes, sempre está ligado às pessoas”.

Sveiby (2001) apregoa que o conhecimento tem sido interpretado tanto como um objeto quanto como um processo. Porém, quando interpretado como um processo, está-se admitindo que ele resida nas pessoas, nas quais deve ser feito o investimento.

4.6 Papel das Ferramentas de TI na GC

Em relação ao uso de ferramentas de tecnologia de informação na gestão do conhecimento, 100% dos pesquisadores (Quadro 5) se pronunciaram ratificando a relevância da sua adoção, mas como suporte para aos processos, no sentido de apoiar e facilitar a captura, a obtenção, a coleta, o tratamento, a disseminação, o armazenamento e o uso de informações (DUARTE, 2009), acelerando a circulação de informações nas organizações e promovendo a aproximação entre os detentores de conhecimento e as pessoas que necessitam de conhecimentos.

“São ferramentas de apoio, uma vez que nada se faz sem o uso da tecnologia, principalmente quando trabalhamos com dados quantitativos” (S. A. do Amaral, 2009)
“São importantes e fundamentais” (A. J. F. P. Sousa, 2009)
“Desafiador e extremamente interessante, visto que estas ferramentas terão que ser interativas e de fácil uso com vista ao estímulo ao registro do conhecimento para que as pessoas sintam-se estimuladas ao compartilhamento” (C. R. Delaia, 2009)
“TI passa pelo entendimento das pessoas, como elas conhecem, se relacionam formam sentido com aquilo que as cercam. Ferramentas são só ferramentas para que funcionem precisam ter raízes nos contextos e nas habilidades das pessoas” (M. das G. de P. Tavares, 2009)
“Interligar os detentores de conhecimento e pessoal que necessita de conhecimento” (V. Brusamolin, 2009)
“Trata-se de um suporte importante, mas não se deve esperar que a tecnologia faça realizar-se a GC, algo que em minha opinião cabe ao indivíduo no seu contexto de vida e trabalho” (R. Garcia, 2009)
“Subsidiar e avaliar na tomada de decisões desenvolvendo programas de gestão para aumentar o nível de riqueza em uma organização” (J. Echeverria Barrancos, 2009)
“Facilitar a captura, obtenção, coleta, tratamento, disseminação, armazenamento e uso de informações, as quais são base e o meio pela qual a gestão do conhecimento acontece” (L. O. B. Duarte, 2009.)
“As ferramentas de TI exercem o papel de suporte e apoio à gestão do conhecimento” (W. S. Lemos, 2009)
“As ferramentas de TI são interessantes por possibilitar equipes distribuídas colaborando entre si. Porém elas não são exclusivas nesse pacto: um quadro ou mini-curso (palestra são tão (ou mais) eficientes em certos aspectos” (D. A. R. Mota, 2009)
“Atualmente o papel é fundamental visto que a existência/presença do “novo” desenho informacional e tecnológico não só nas organizações, mas na vida comum” (M. P. Manini, 2009)
“Fundamental para a implementação das iniciativas de GC, mas não pode ser o centro do processo, a TI é suporte!” (F. C. M. Manini, 2009)

“Uma abordagem normativa do conhecimento organizacional, que considera o conhecimento apenas como um objeto exterior ao indivíduo [...] estocado, manipulado e transferido por meio das TICs, não dá conta de criá-lo e usá-lo nas organizações. As TICs apresentam limitações na sistematização do conhecimento tácito e também, elas podem facilitar ou inibir o aprendizado organizacional. É incorreta uma abordagem interpretativa do conhecimento, que o contextualize arraigado nas práticas organizacionais propiciando a transformação organizacional” (F. J. A. P. Cunha, 2009)

“As ferramentas de TI aceleram a circulação de informações nas organizações, facilitando também a comunicação entre as pessoas” (C. R. M. de Lima, 2009)

Quadro 5 - Respostas dos Pesquisadores sobre o Papel das Ferramentas de Tecnologia na GC

Fonte: ENANCIBs – 2008 e 2009.

No Quadro 5, foi destacado por Cunha, Ribeiro e Pereira (2009) informantes deste trabalho, que as TICs apresentam limitações na sistematização do conhecimento tácito e, também, elas podem facilitar ou inibir o aprendizado organizacional.

A TI foi vista por Manini (2009) também como um aparato da presença do “novo” desenho informacional e tecnológico não só nas organizações, mas na vida comum. Provavelmente, por esse motivo, foi destacado que nada se faz sem o uso da tecnologia. As ferramentas de TI exercem o papel de suporte e de apoio à gestão do conhecimento (LEMOS, 2009). São importantes e fundamentais no sentido de promover o desenvolvimento de programas de gestão, para aumentar o nível de riqueza em uma organização (ECHEVERRIA BARRANCOS, 2009). Essa riqueza está centrada no capital humano e é capaz de mover e remover as ferramentas de tecnologia da informação.

Cunha, Ribeiro e Pereira (2009) destacaram que as TICs apresentam limitações na sistematização do conhecimento tácito e, também, elas podem facilitar ou inibir o aprendizado organizacional. No entanto, para que as tecnologias de informação sejam adotadas eficientemente, terão que ser interativas e de fácil uso (DELAIA, 2009); precisam ter raízes nos contextos e nas habilidades das pessoas, mas não pode ser o centro do processo (MANINI, 2009). Além disso, não se deve esperar que a tecnologia seja a única responsável pela realização da GC (GARCIA, 2009).

Sobre o uso de TI nas organizações Silva e Gomes (2008) propõem o desenvolvimento de sistema de informação, intranet e o desenvolvimento de um

banco de dados para facilitar a transferência do conhecimento. Amaral (2009) assevera que nada se faz sem o uso da tecnologia, em especial, quando se trabalha com dados quantitativos.

A respeito do uso de TI para gestão do conhecimento, Sveiby (2001) adverte às organizações para se buscar a correta conceituação e aplicação, evitando dessa forma, que o investimento seja feito de maneira equivocada.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste artigo foi levantar características similares nas formas como as organizações têm trabalhado a gestão do conhecimento, em conformidade com os relatos de pesquisas veiculados nos Anais dos ENANCIBs, enquadrando-as em duas possibilidades de gerenciamento – pessoas e tecnologia. Para sua consecução foram levantados dados para a caracterização dos artigos publicados nos ENANCIBs de 2008/09, sobre a inserção da GC no GT-4, sobre a evolução da GC nos GTs, o papel das pessoas na GC e o papel das ferramentas de TI na GC.

Os dados revelaram que há uma incidência de artigos sobre o tema em vários grupos temáticos do ENANCIB, numa demonstração de que as abordagens de GC são múltiplas e integradas à informação, uma vez que o evento trata da Ciência da Informação.

No momento de perceber os impactos da inserção da GC no GT-4, os pesquisadores apresentaram contribuições significativas para a gestão do conhecimento e para a Ciência da Informação, no entorno do ENANCIB. As contribuições teóricas apresentadas pelos participantes são consideradas imprescindíveis para a consolidação da GC, no sentido de intensificar as aplicações nos ambientes dos vários tipos e naturezas organizacionais, e de se concentrarem as pesquisas que abordem a GC no GT-4 do ENANCIB, para que as discussões por ocasião do evento sejam mais centralizadas, produtivas e enriquecedoras.

Na percepção dos pesquisadores/autores ou apresentadores dos trabalhos, aqui considerados investigados, as pessoas têm papel fundamental na GC como geradoras de riqueza, porquanto fazem parte do capital intelectual das

organizações. As ferramentas de TI exercem o papel de suporte e de apoio à Gestão do Conhecimento e são importantes e fundamentais, no sentido de promover o desenvolvendo de programas de gestão para aumentar o nível de riqueza em uma organização.

Concluindo o relato da pesquisa, em conformidade com o objetivo declarado, inferimos que a gestão do conhecimento vem se propagando de forma testemunhal, não só nos corredores das organizações como também no “contexto capacitante” promovido pelos gestores e pesquisadores que produzem o ENANCIB, adotando como característica central e definidora o capital humano e suas interfaces com a TI e a Ciência da Informação.

REFERÊNCIAS

ANGELONI, M. T. (Coord.). **Organizações do conhecimento: infraestrutura, pessoas e tecnologia.** São Paulo: Saraiva, 2003.

AMARAL, S. A. **Informações prestadas em contexto de realização do X ENANCIB.** João Pessoa: ANCIB, 2009.

BARBOSA, R. R.; SEPÚLVEDA, M. I. M.; COSTA, M. U .P da. Gestão da informação e do conhecimento na era do compartilhamento e da colaboração. **Informação & Sociedade: Estudos,** João Pessoa, v.19, n.2, p.13-24, maio./ago. 2009.

BRUSAMOLIN, V. **Informações prestadas em contexto de realização do X ENANCIB.** João Pessoa: ANCIB, 2009.

CHOO, C. W. A organização do conhecimento I – teoria e processo. In: _____. **A organização do conhecimento: como as organizações usam a informação para criar significado, construir conhecimento e tomar decisões.** São Paulo: SENAC Editora, 2003.

CUNHA, F. J, A. P.; RIBEIRO, N. M.; PEREIRA, H. B. de B. Processos de aprendizagem e redes sociais: um estudo na Rede InovarH-Ba. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 10., 2009, João Pessoa. **Anais...** João Pessoa: Idéia, 2009. 1 CD-ROM. p.1344-1361

DAVENPORT, T.; PRUSAK, L. **Conhecimento empresarial: como as organizações gerenciam o seu capital intelectual.** Rio de Janeiro: Campus, 1998.

DELAIA, M. R. **Informações prestadas em contexto de realização do X ENANCIB**. João Pessoa: ANCIB, 2009.

DUARTE, E. N. et al. Conhecimentos dos docentes do Departamento de Administração compatíveis com os conteúdos da gestão de unidades de informação: um mapeamento para formação de redes de colaboração. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 10., 2009, João Pessoa. **Anais...** João Pessoa: Idéia, 2009. 1 CD-ROM. p.1289-307

ECHEVERRIA BARRANCOS J. **Informações prestadas em contexto de realização do X ENANCIB**. João Pessoa: ANCIB, 2009.

GARCIA, R. **Informações prestadas em contexto de realização de realização do X ENANCIB**. João Pessoa: ANCIB, 2009.

ISSBERNER, L. R. Informação e conhecimento para o desenvolvimento sustentável em pequenas comunidades: a certificação de produtos para mercados alternativos. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 9., 2008, São Paulo. **Anais...** São Paulo: 2008. 1 CD-ROM. p.1-11

LEMOS, W. S. **Informações prestadas em contexto de realização do X ENANCIB**, João Pessoa: ANCIB, 2009.

LIMA, C. R. M. de. **Informações prestadas em contexto de realização do X ENANCIB**. João Pessoa: ANCIB, 2009.

MANINI, M. P. **Informações prestadas em contexto de realização do X ENANCIB**. João Pessoa: ANCIB, 2009.

MARTELETO, R. M.; LARA, M. L. G. de. Os Grupos de Trabalho – GTs da ANCIB e a promoção da pesquisa em Ciência da Informação. In: FUJITA, M. S. L.; MARTELETO, R. M.; LARA, M. L. G. de (Orgs.). **A dimensão epistemológica da Ciência da Informação e suas interfaces técnicas, políticas e institucionais nos processos de produção, acesso e disseminação da informação**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2008. p.3-15.

NONAKA, I.; TAKEUCHI, H. **Criação de conhecimento na empresa**. 7.ed. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

NONAKA, I.; TOYAMA, R. The knowledge-creating theory revisited: knowledge creation as a synthesizing process. **Knowledge Management Research & Practice**, v.1, p.2-20, 2003.

OLIVEIRA, I. G. dos S. C. de. **Dimensões da gestão da informação no campo da Ciência da Informação**: uma revelação da produção científica do ENANCIB. João Pessoa: UFPB, 2009. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação - Universidade Federal da Paraíba.

OYOLA, A. V.; ALVARENGA, L. Mapeamento e representação do conhecimento e modelagem ontológica: uma experiência na área da cultura do sorgo. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 10., 2009, João Pessoa. **Anais...** João Pessoa: Idéia, 2009. 1 CD-ROM. p.572-591

PAIVA, S. B.; DUARTE, E. N. Da gestão do conhecimento organizacional à gestão do conhecimento científico: estratégias aplicáveis ao ambiente acadêmico. **Conceitos**, João Pessoa, v.6, n.14, p.28-35, nov.2006.

POBLACIÓN, D. A. Literatura cinzenta ou não convencional: um desafio a ser enfrentado. **Ciência da Informação**, Brasília, v.21, n.3, p.243-246, set./dez. 1992.

PEDROZA, F. **Informações prestadas em contexto de realização do X ENANCIB**. João Pessoa: ANCIB, 2009.

PEREIRA, F. C. M. **Informações prestadas em contexto de realização de realização do X ENANCIB**. João Pessoa: ANCIB, 2009.

PROBST, G.; RAUB, S.; ROMHARD, K. **Gestão do conhecimento**: os elementos construtivos do sucesso. Porto Alegre: Bookman, 2002.

SANTOS, G. C.; RIBEIRO, C. M. **Acrônimos, siglas e termos técnicos**: Arquivística, Biblioteconomia, Documentação e Informação. Campinas: Átomo, 2003.

SILVA, C. V. da; GOMES, S. H. de A. S. Processo de transferência de conhecimento na interação universidade-empresa: o programa de incubação do CDT/UnB. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 9., 2008, São Paulo. **Anais...** São Paulo, 2008. 1 CD-ROM; p.1-5

SOUSA, A. J. F. P. **Informações prestadas em contexto de realização de realização do X ENANCIB**, João Pessoa: ANCIB, 2009.

SVEIBY, K. E. **A nova riqueza das organizações**: gerenciando e avaliando patrimônios de conhecimento. Rio de Janeiro: LTC, 2001.

SZABÓ, I.; SILVA, R. R. G. da. Comunidades virtuais de conhecimento: informação e inteligência coletiva no ciberespaço. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 10., 2009, João Pessoa. **Anais...** João Pessoa: Idéia, 2009. 1 CD-ROM. p.785-800

TOFLER, A. **A terceira onda**. 22.ed. Rio de Janeiro: Record, 1997.

WAH, L. Muito além de um modismo. **HSM Management**, Barueri, v.4, n.22, p.52-64, set./out. 2000.

WERSIG, G. Information Science: the study of postmodern knowledge usage. **Information Processing & Management**, v.29, n.2, p.229-39, 1993.

WOIDA, L. M.; VALENTIM, M. L. P. Cultura informacional voltada ao processo de inteligência competitiva organizacional no setor de calçados de São Paulo. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 9., 2008, São Paulo. **Anais...** São Paulo: 2008. 1 CD-ROM

ZIVIANI, F. et al. Estratégias formais e informais de compartilhamento de informações e conhecimento na produção de pesquisas científicas. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 9., 2008, São Paulo. **Anais...** São Paulo: 2008. 1 CD-ROM.



Emeide Nóbrega Duarte

Universidade Federal da Paraíba (UFPB)
Campus I
Cidade Universitária
João Pessoa – PB
Brasil
E-mail: emeide@hotmail.com

Danielle Harlene da Silva Moreno

Universidade Federal da Paraíba (UFPB)
Campus I
Cidade Universitária
João Pessoa – PB
Brasil
E-mail: danielleharlene@gmail.com

Denysson Axel Ribeiro Mota

Universidade Federal da Paraíba (UFPB)
Campus I
Cidade Universitária
João Pessoa - PB
Brasil
E-mail: denyssonmota@gmail.com

Helane Cibely Albuquerque da Silva

Universidade Federal da Paraíba (UFPB)
Campus I
Cidade Universitária
João Pessoa - PB
Brasil
E-mail: cibely82@yahoo.com.br

Josélia Maria Oliveira Silva

Universidade Federal da Paraíba (UFPB)
Campus I
Cidade Universitária
João Pessoa - PB
Brasil
E-mail: joseliabiblio@gmail.com.br

Tereza Evâny de Lima Renôr Ferreira

Universidade Federal da Paraíba (UFPB)
Campus I
Cidade Universitária
João Pessoa - PB
Brasil
E-mail: terezarenor@yahoo.com.br